

nara roesler

isaac julien



isaac julien

n. 1960, Londres, Reino Unido, onde vive e trabalha

Isaac Julien é um dos mais importantes e influentes artistas britânicos nos campos da instalação e do cinema. Em seu trabalho, ele utiliza elementos provenientes de disciplinas e práticas variadas (entre elas cinema, fotografia, dança, música, teatro, pintura e escultura), integrando-os em instalações audiovisuais dramáticas, obras fotográficas e documentários. A pluralidade não se faz presente apenas nas linguagens agenciadas em seu processo, mas também no resultado, exibido em instalações compostas por múltiplas telas e, por vezes, fotografias. Suas imagens deslumbrantes e potentes articulam uma linguagem visual única e poética.

Os trabalhos de Julien surgem de investigações sobre personalidades proeminentes do século XX, tais como Langston Hughes, Frantz Fanon e Lina Bo Bardi, atuando, muitas vezes, de modo a revisar as narrativas históricas oficiais. Apesar do principal meio de produção do artista ser o vídeo, a fotografia possui papel fundamental no seu processo. Em suas fotos, encontramos a síntese estética de seu trabalho audiovisual, assim como sua renovação, a partir de procedimentos de colagem e fotomontagem.

Seu filme *Young Soul Rebels* (1991) recebeu o prêmio Semaine de la Critique no Festival de Cinema de Cannes. *Frantz Fanon: Black Skin, White Mask* (1996), co-dirigido por Mark Nash, venceu o Grande Prêmio Pratt and Whitney Canada. Julien também foi contemplado com o Prêmio McDermott do MIT e o Prêmio The Golden Gate Persistence of Vision (2014), no Festival de Cinema de São Francisco. Em 2015, Isaac Julien recebeu o Prêmio Kaino por Excelência Artística.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Lina Bo Bardi - Um Maravilhoso Emaranhado*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2025)

-
- *Lessons of the hour: Frederick Douglas*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2024)
 - *Isaac Julien – Fantôme Afrique*, Ruby City, San Antonio, EUA (2023)
 - *What Freedom is to me*, Tate Britain, Londres, Reino Unido (2023)
 - *Once Again... (Statues Never Die)*, Barnes Foundation, Philadelphia, EUA (2022)
 - *Lessons of the Hour*, Metro Pictures; Memorial Art Gallery (MAG), Nova York, EUA (2019)
 - *Western Union: Small Boats*, ARoS Aarhus Kunstmuseum, Aarhus, Dinamarca (2018)
 - *Ten Thousand Waves*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil (2016)

exposições coletivas selecionadas

- Whitney Biennial 2024: *Even Better than The Real Thing*, Nova York, EUA (2024)
- *Black Diasporas: 21st Century Art and Poetics*, LACMA, Los Angeles, EUA (2023)
- *Thinking Historically in the Present – Sharjah Biennial 15*, Sharjah, Emirados Arabes Unidos (2023)
- *Sweat*, Haus der Kunst, Munique, Alemanha (2021)
- 57ª Bienal de Veneza, Itália (2017)
- *Coming Out: Sexuality, Gender and Identity*, Walker Museum, Liverpool; Birmingham Museum and Art Gallery, Birmingham, Reino Unido (2017)
- *The Shadow Never Lies*, Minsheng Museum, Shanghai, China (2016)
- Trienal de Paris, França (2012)
- 7ª Bienal de Gwangju, Coréia do Sul (2008)

coleções selecionadas

- Art Institute of Chicago, Chicago, EUA
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- SFMoMA, San Francisco, EUA

4	once again... (statues never die)
9	lina bo bardi – a marvellous entanglement
15	lessons of the hour
19	stones against diamonds
22	playtime
28	kapital
30	then thousand waves
34	derek
36	western union: small boats
38	fantôme créole
41	fantôme afrique
43	true north
45	baltimore
46	paradise omeros
47	vagabondia
48	long road to mazatlan
49	frantz fanon, black skin white mask
50	looking for langston

capa vista da instalação

Lina Bo Bardi – A Marvellous Entanglement, 2019 [detalhe]

Foto © Jack Hems – cortesia do artista e Victoria Miro,
Londres/Veneza

once again...
(statues never die) 2022

Com base na extensa pesquisa de Julien nos arquivos da Barnes Foundation, o filme explora o impacto da filosofia política e das atividades de organização cultural de Alain Locke e o empreendimento educacional democrático e inclusivo da pioneira coleção de arte de Albert E. Barnes.

Estrelado pelo ator André Holland (*Moonlight* e *Passing*) como Alain Locke, Danny Huston (*Succession* e *Marlowe*) como Dr. Barnes, o astro em ascensão Devon Terrell (Barack Obama em *Barry*) como o escultor Richmond Barthé e Sharlene Whyte (*Small Axe* e *Lessons of the Hour*) como a curadora, com uma participação especial da cantora e compositora Alice Smith, *Once Again... (Statues Never Die)* explora o envolvimento de Locke com a coleção Barnes, homenageando a contribuição de Locke para as artes e propondo conversas críticas sobre a cultura material africana que influenciou o movimento cultural negro. A instalação destaca os escritos posteriores do Dr. Barnes sobre o significado e o valor da cultura material africana e sua importância para a diáspora africana, que foram reproduzidos em periódicos do Renascimento do Harlem, incluindo *Opportunity*.



vista da instalação
Lessons of the Hour—Frederick Douglass, 2023
15th Sharjah Biennale, Emirados Árabes
foto: Henrik Kam © Isaac Julien,
cortesia do artista e Victoria Miro





No filme, Julien revisita temas que abordou em seu filme histórico de 1989, *Looking for Langston*, e continua sua exploração da subcultura queer do Renascimento do Harlem em sua reflexão sobre o relacionamento entre Locke e o escultor Richmond Barthé, para o qual as esculturas de Barthé foram encenadas na Academia de Belas Artes da Pensilvânia (PAFA).

Concebendo a instalação como uma forma do que ele chama de “restituição poética”, Julien faz alusão aos debates contemporâneos sobre restituição – examinando a exibição e o significado da cultura material africana nos museus de arte ocidentais – especificamente no que se refere às obras saqueadas na Expedição Benin de 1897, na qual as tropas britânicas destruíram o secular Reino de Benin. *Once Again... (Statues Never Die)* une os debates contemporâneos sobre o colonialismo e a exibição da cultura material africana nos museus europeus com o recurso ao filme de 1953 de Chris Marker e Alain Resnais, *Les statues meurent aussi (As estátuas também morrem)*, uma obra inovadora que foi proibida logo após sua estreia na França por seu ideal anticolonial, mas que levantou questões importantes sobre a aquisição e a exibição de obras africanas nos museus europeus. Combinando um roteiro original escrito por Isaac Julien e Martina Klich com imagens de arquivo recém-descobertos do filme *You Hide Me*, de Nii Kwate Owoo, de 1970, que chamou a atenção para a cultura material africana armazenada no Museu Britânico, *Once Again... (Statues Never Die)* se envolve com os debates atuais sobre restituição. “Este projeto explora o relacionamento histórico do Dr. Barnes e de Alain Locke, seu diálogo crítico mutuamente formativo e seu impacto significativo em seu trabalho como críticos culturais, educadores, organizadores e ativistas em nome de várias causas afro-americanas”, diz Julien.



vista da instalação
Once Again... (Statues Never Die), 2023
Tate Britain, Reino Unido
foto: Henrik Kam © Isaac Julien,
cortesia do artista e Victoria Miro

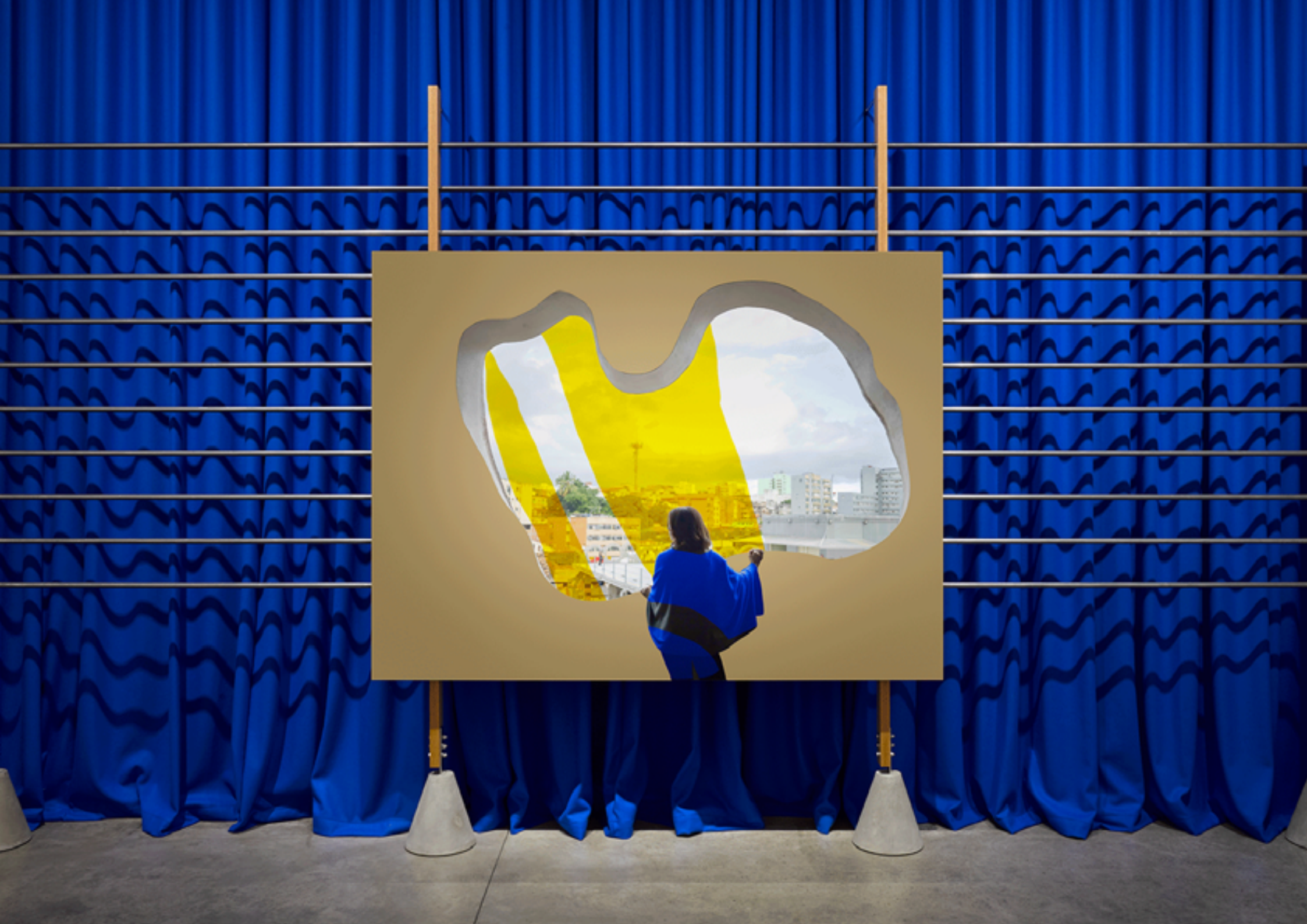


lina bo bardi – a marvellous entanglement 2022

Lina Bo Bardi – A Marvellous Entanglement é uma vídeo-instalação em múltiplas telas além de uma série fotográfica que se debruça sobre o trabalho da visionária arquiteta e designer modernista Lina Bo Bardi (1914–1992). O filme é inspirado nas histórias oficiais e nas anedotas do trabalho e da vida de Bo Bardi, que ao casar com Pietro Maria Bardi logo após a guerra, mudou-se, em seguida, para o Brasil. Aqui ela encontrou os elementos que impactaram permanente sua profissão e visão de mundo. Ela se sentiu impelida a aplicar o espírito criativo das culturas populares brasileiras em sua prolífica e sofisticada produção que envolvia edificações, móveis, joias e cenários teatrais, assim como uma potente reflexão teórica. *A Marvellous Entanglement* retrata Bo Bardi em diferentes estágios de sua vida. Seu papel é desempenhado pelas aclamadas atrizes brasileiras Fernanda Montenegro e sua filha Fernanda Torres que leem textos adaptados dos escritos da arquiteta.









Ao todo, o filme foi feito em sete locações projetadas por Bo Bardi: sendo quatro em Salvador (Museu de Arte Moderna da Bahia; Restaurante Coaty; Casa do Benim e Teatro Gregório de Matos), e três em São Paulo (Museu de Arte de São Paulo [MASP], Sesc Pompeia e Teatro Oficina). Cada um desses lugares se transforma em espaço para a realização de performances, intervenções, encenações ou reinvenções de cenas que podem ter moldado a história, e os mitos ao redor, da sua arquitetura. Os bailarinos do Balé Folclórico da Bahia realizam uma dança concebida pelo coreógrafo Zebrinha para a escada do MAM-BA. O restaurante Coaty abriga as performances do coletivo brasileiro Àràkaá. Há, ainda, uma homenagem à vereadora carioca Marielle Franco, recentemente assassinada em 2018.

Lina Bo Bardi – A Marvellous Entanglement propõe através da poética visual, alimentada pela amplitude e poesia dos trabalhos de Bo Bardi, uma reparação histórica, alicerçando-se na crença de que seu legado ainda não teve o devido reconhecimento.

vista da instalação
Lina Bo Bardi – A Marvellous Entanglement, 2019
foto © Jack Hems – cortesia do artista e Victoria Miro, Londres/Veneza

→
vista da instalação
Lina Bo Bardi – A Marvellous Entanglement, 2020
Maxxi Rome, Itália





lessons of the hour 2022

Lessons of the Hour é uma meditação poética sobre a vida e a época de Frederick Douglass, um escritor afro-americano visionário, abolicionista e escravo liberto, que também foi o homem mais fotografado do século XIX. A instalação cinematográfica em dez telas propõe uma jornada contemplativa ao zeitgeist de Douglass e sua relação com a contemporaneidade. O filme inclui trechos dos discursos mais impressionantes de Douglass, como *Lessons of the Hour*, *What to the Slave Is the 4th of July?* e *Lecture on Pictures*, um texto que conecta a criação de imagens e a fotografia à sua visão de como a tecnologia pode influenciar as relações humanas. O trabalho foi filmado em Washington DC, no The Frederick Douglass National Historic Site, onde Douglass viveu até o fim de sua vida e onde sua casa em Cedar Hill foi mantida conservada como era na época do abolicionista; e na Escócia, onde ele foi um membro ativo do movimento Send Back the Money e onde proferiu vários discursos antiescravagistas.

Lessons of the Hour
(*Lessons of the Hour*), 2019
foto cortesia do artista,
Metro Pictures New York, e
Victoria Miro London/Venice



→
The North Star
(*Lessons of the Hour*), 2019 [detalhe]
foto cortesia do artista,
Metro Pictures New York, e
Victoria Miro London/Venice



Bell Pull

For Use in

Emergency Only



To see ourselves as others see us
(*Lessons of the Hour*), 2023
fotografia jato de tinta em papel
brilhante sobre alumínio
160 x 213,3 cm

O personagem de Douglass interage com outros ícones culturais de sua época em alusão ao seu ambiente público e privado. Em sua maioria mulheres, esses outros personagens foram escolhidos por serem representantes de ideais de igualdade, que eram tão importantes na época quanto são hoje. O filme apresenta: Anna Murray e Helen Pitts, duas *quakeresses* inglesas que foram, respectivamente, a primeira e a segunda esposas de Douglass e que permitiram que ele retornasse aos Estados Unidos como um homem livre; Susan B. Anthony, amiga de longa data de Douglass e uma das mais importantes sufragistas americanas; e Ottilie Assing, amiga e amante feminista, que traduziu a autobiografia de Douglass para o alemão. J.P. Ball, um dos primeiros fotógrafos afro-americanos de destaque, amigo de Douglass e defensor da luta contra o linchamento, também aparece no filme.

Por meio do uso extensivo das palavras oportunas de Frederick Douglass, Julien expressa o zeitgeist da época de Douglass, seu legado e as maneiras pelas quais sua história pode ser vista hoje.

→
vista da instalação
Lessons of the Hour—Frederick Douglass, 2023
Tate Britain, Reino Unido
foto: Jack Hems © Isaac Julien,
cortesia do artista e Victoria Miro



stones against diamonds 2015

Stones Against Diamonds é uma meditação sobre a arquiteta Lina Bo Bardi, na qual o artista descreve como uma espécie de “Oscar Niemeyer feminino”. A inspiração para o trabalho vem de uma carta escrita por Bo Bardi, na qual ela descreve seu amor por pedras semipreciosas em vez de gemas mais “preciosas”, como os diamantes, e relembra como começou, ainda na Itália, uma coleção dessas pedras que mais tarde lhe permitiu repensar o design de uma maneira notável. Além de explorar as pedras semipreciosas e as pedras preciosas, o filme também assume a função de pesquisar o processo subconsciente na produção criativa.

Para Julien, a carta de Bo Bardi é apresentada por meio de uma metáfora do inconsciente, um lugar inacessível de beleza que só pode ser alcançado por meio do processo de psicanálise e reflexão artística.



To see ourselves as others
see us *En Passage*
(*Stones Against Diamonds*), 2015
impressão fotográfica sobre papel
Kodak Endura Premier
180 x 240 cm

→
vista da exposição
Stones Against Diamonds, 2015
instalação de vídeo, dez telas UHD
Rolls-Royce Art Programme during
Art Basel 2015, Basel, Suíça





O trabalho foi filmado em uma locação na Islândia, à cinco horas de carro de Reykjavik. Com uma equipe de mais de 40 pessoas trabalhando no projeto, *Stones Against Diamonds* conta com a participação da atriz Vanessa Myrie, uma figura importante em vários trabalhos de Julien, tendo aparecido mais recentemente em *True North*, no qual ela reconstituiu os passos do explorador afro-americano Matthew Henson, que viajou para o Polo Norte em 1909. Aqui, Myrie aparece como uma figura orientadora que nos conduz em uma jornada espiritual em meio ao cenário de tirar o fôlego das geleiras, rochas, cavernas e areias negras vulcânicas. Com o apoio da Rolls Royce, Isaac Julien conseguiu filmar nas profundezas da caverna de gelo, no coração de magníficas formações glaciais. Junto com sua equipe, ele introduziu escadas em espiral e cavaletes de vidro como referência ao elemento arquitetônico de Lina Bo Bardi, em contraste com os componentes naturais da caverna.

Echo
(*Stones Against Diamonds*), 2015
fotografia
160 x 160 cm

playtime 2014

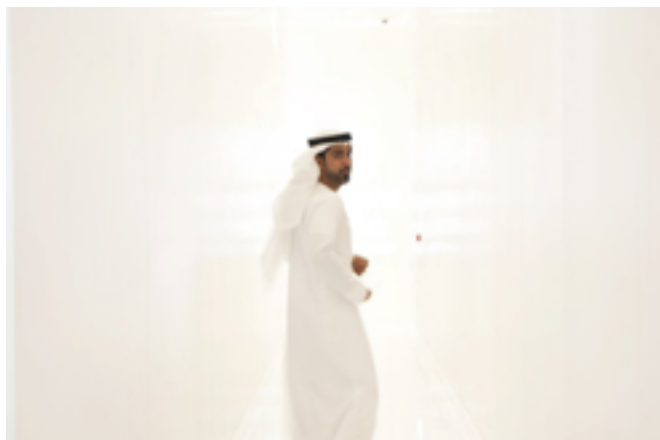
Playtime é uma instalação cinematográfica que representa três cidades e suas relações com o capital: Londres, uma cidade transformada pelo Thatcherismo, neoliberalismo e desregulamentação bancária; Reykjavik, onde o crash financeiro de 2008 parou o capital em seu caminho; e o novo centro financeiro e de arte; Dubai, uma metrópole movida a petróleo que surgiu do deserto.

O filme apresenta seis personagens principais cujas vidas estão conectadas pelo fluxo global de capital e trabalho: Maggie Cheung como uma repórter de Hong Kong que conversa com o leiloeiro suíço Simon de Pury (que aparece como ele mesmo); Mercedes Cabral como uma trabalhadora doméstica filipina, que descreve seu aprisionamento no local de trabalho em Dubai; um consultor de arte americano, interpretado por James Franco; Ingvar Sigurðsson como um artista islandês falido pelo colapso financeiro; e um arrogante gerente de fundo de hedge britânico negro, interpretado por Colin Salmon. Cada personagem é baseado em uma extensa pesquisa em filmes, obras de arte, jornais e representações literárias, bem como em entrevistas que realizei; os personagens são tanto apresentações empíricas quanto arquétipos”.



→
vistas da exposição
Playtime, 2014
instalação de vídeo
sete telas UHD, som 7.1 surround
foto © Victoria Miro





Playtime também tem um projeto irmão, *Kapital*, (2013) do qual foi originalmente desenvolvido.

Na peça, Harvey declara que a arquitetura do capital não mudou desde *O Capital*, de Marx, mas *Playtime* oferece outra possibilidade. Nos mercados atuais, as tecnologias digitais deram origem aos “dark pools” descritos pelo autor Michael Lewis em *Flash Boys*, “fóruns privados de negociação de títulos em que a velocidade absoluta das trocas digitais permite que o capital se reproduza e se realize em microssegundos”. Em *Playtime*, as tecnologias digitais também permitem uma diversidade de efeitos especiais, criando desvios de significado, importância e identidade.

All That's Solid Melts Into Air (Playtime), 2013
Eclipse (Playtime), 2013
The Abyss (Playtime), 2013
Emerald City / Capital (Playtime), 2013
Icarus Descending (Playtime), 2013
Mirage (Playtime), 2013
fotografia em papel endura ultra
160 x 240 cm cada

→
exhibition views
Playtime, 2014
Galeria Nara Roesler São Paulo, Brasil







kapital 2013

Kapital é um trabalho de duas telas centrado em uma conversa na Hayward Gallery, em Londres, entre Julien e o renomado acadêmico marxista David Harvey (autor do livro *The Enigma of Capital*). Julien abre o filme perguntando por que é tão difícil representar o capital, ao que Harvey responde habilmente: “da mesma forma que você só pode realmente intuir que a gravidade existe por seus efeitos, você só pode realmente intuir que o capital existe por seus efeitos”. Encenado como parte de um seminário intitulado *Choreographing Capital*, organizado pelo artista na Hayward Gallery em 2012, o evento contou com intervenções notáveis de teóricos, críticos e curadores, como o falecido Stuart Hall, Paul Gilroy, Irit Rogoff e Colin MacCabe. Julien sempre fez trabalhos em colaboração, conversa e intercâmbio, mas esta é a primeira vez que ele abre os processos de pesquisa complexos e rigorosos que estão por trás de seus métodos de trabalho.



vista da instalação
Kapital, 2013
56th International Art Exhibition
la Biennale di Venezia,
All the World's Futures
foto © Alessandra Chemollo



O curador da 56ª Bienal de Veneza, Okwui Enwezor ancorou sua exposição em em uma obra de literatura: *Das Kapital*, de Marx. Desde a abertura até a data de encerramento da bienal, uma equipe de artistas fez leituras diárias leituras diárias do livro, percorrendo todo o texto até, se não o final, o mais longe possível.

As leituras de *Das Kapital* foram lidas como um texto dramático por atores treinados, dirigidas pelo artista e cineasta Isaac Julien cuja instalação de dois vídeos, *Kapital*, também está também está em exibição na bienal – uma delas contém uma delas contém imagens de uma conversa pública entre ele e o acadêmico de Marx David Harvey, animada por intervenções do falecido teórico cultural Stuart Hall. As leituras de *Das Kapital* ocorrem em um novo espaço para apresentações chamado Arena, projetado pelo arquiteto britânico David Adjaye, no pavilhão central da bienal. Elas são acompanhadas pelo que Enwezor chamou de “anotações” – uma série de eventos e e performances que iluminam o texto à sua própria maneira.

then thousand waves 2010

Isaac Julien's *Ten Thousand Waves* é uma instalação de 9 telas filmada na China. A obra tece poeticamente histórias que ligam o passado antigo e o presente da China. Por meio de uma instalação arquitetônica, a obra explora o movimento de pessoas entre países e continentes e medita sobre jornadas inacabadas.





Concebida e realizada ao longo de quatro anos, *Ten Thousand Waves* conta com a colaboração de Julien com algumas das principais vozes artísticas da China, incluindo: a lendária atriz do cinema chinês Maggie Cheung; a estrela em ascensão Zhao Tao; o poeta Wang Ping; o mestre calígrafo Gong Fagen; o artista Yang Fudong; o aclamado diretor de fotografia Zhao Xiaoshi; e um elenco e uma equipe de 100 pessoas. A trilha musical original do filme é composta por Jah Wobble e The Chinese Dub Orchestra e pela compositora clássica contemporânea Maria de Alvear. Filmado em locações na deslumbrante e remota província de Guangxi, no famoso Shanghai Film Studios e em vários locais ao redor de Xangai, *Ten Thousand Waves* combinafato, ficção e ensaio cinematográfico em um contexto de história, lenda e paisagem chinesas para criar uma meditação sobre as migrações humanas globais. Por meio de experimentos formais e uma série de colaborações exclusivas, Julien procura se envolver com a cultura chinesa por meio de eventos contemporâneos, mitos antigos e prática artística.

(*Ten Thousand Waves*), 2010
fotografia em papel Endura Ultra
180 x 240 cm cada

A inspiração original para *Ten Thousand Waves* foi a tragédia de Morecambe Bay, em 2004, na qual 23 catadores de berbigão chineses morreram. Em resposta a esse evento, Julien encomendou ao poeta Wang Ping que fosse à Inglaterra e escrevesse *Small Boats*, um poema que é recitado na obra. Nos anos seguintes, Julien passou um tempo na China, compreendendo lentamente as perspectivas do país e de seu povo e desenvolvendo as relações que lhe permitiram realizar esse trabalho rico e multifacetado. Por meio de conversas com acadêmicos, curadores e artistas na China e no Reino Unido, Julien descobriu um conjunto simbólico de materiais que usou para criar uma obra que explora os valores e superstições chineses modernos e tradicionais. Esses valores estão encapsulados em uma fábula sobre a deusa Mazu (interpretada por Maggie Cheung) que vem da província de Fujian, de onde se originaram os catadores de berbigão de Morecambe Bay. *The Tale of Yishan Island* conta a história de pescadores do século XVI perdidos e em perigo no mar. No centro da lenda está a figura da deusa que conduz os pescadores à segurança. Usando essa fábula como ponto de partida, Julien habilmente se baseia nessa história e na conexão pungente entre ela e a tragédia do século XXI dos imigrantes chineses que morreram lutando para sobreviver no norte da Inglaterra.



vista da instalação
Red Chamber Dream,
(*Ten Thousand Waves*), 2010
Metro Pictures, Nova York, 2011



Seguindo as ideias que envolvem a morte, o deslocamento espiritual e a conexão exclusivamente chinesa com “fantasmas” ou “almas perdidas”, o filme liga a Xangai do passado e do presente, simbolizando a transição chinesa para a modernidade, a aspiração e a riqueza. Aqui, Julien emprega a linguagem visual das histórias de fantasmas, com figuras e imagens recorrentes que aparecem e desaparecem. A figura espectral de Mazu atravessa o tempo e o espaço, servindo como um guia através dos fios entrelaçados da obra.

Espelhando a deusa da fábula, um protagonista fantasmagórico (Zhao Tao) nos leva ao mundo do cinema de Xangai por meio do Shanghai Film Studio, a uma remontagem feita por Julien de cenas do clássico filme chinês *The Goddess* (1934) e, finalmente, às ruas da Xangai moderna e antiga. Isaac Julien é tão aclamado por seus filmes fluentes e cativantes quanto por suas instalações vibrantes e inventivas em galerias. *Ten Thousand Waves* é seu projeto mais ambicioso até hoje, com a instalação de nove telas formando uma estrutura dinâmica que coreografa a experiência do espectador com as múltiplas narrativas. Julien utiliza as texturas visuais e auditivas do filme para provocar uma resposta visceral do espectador, submergindo-o no mundo de sua criação.

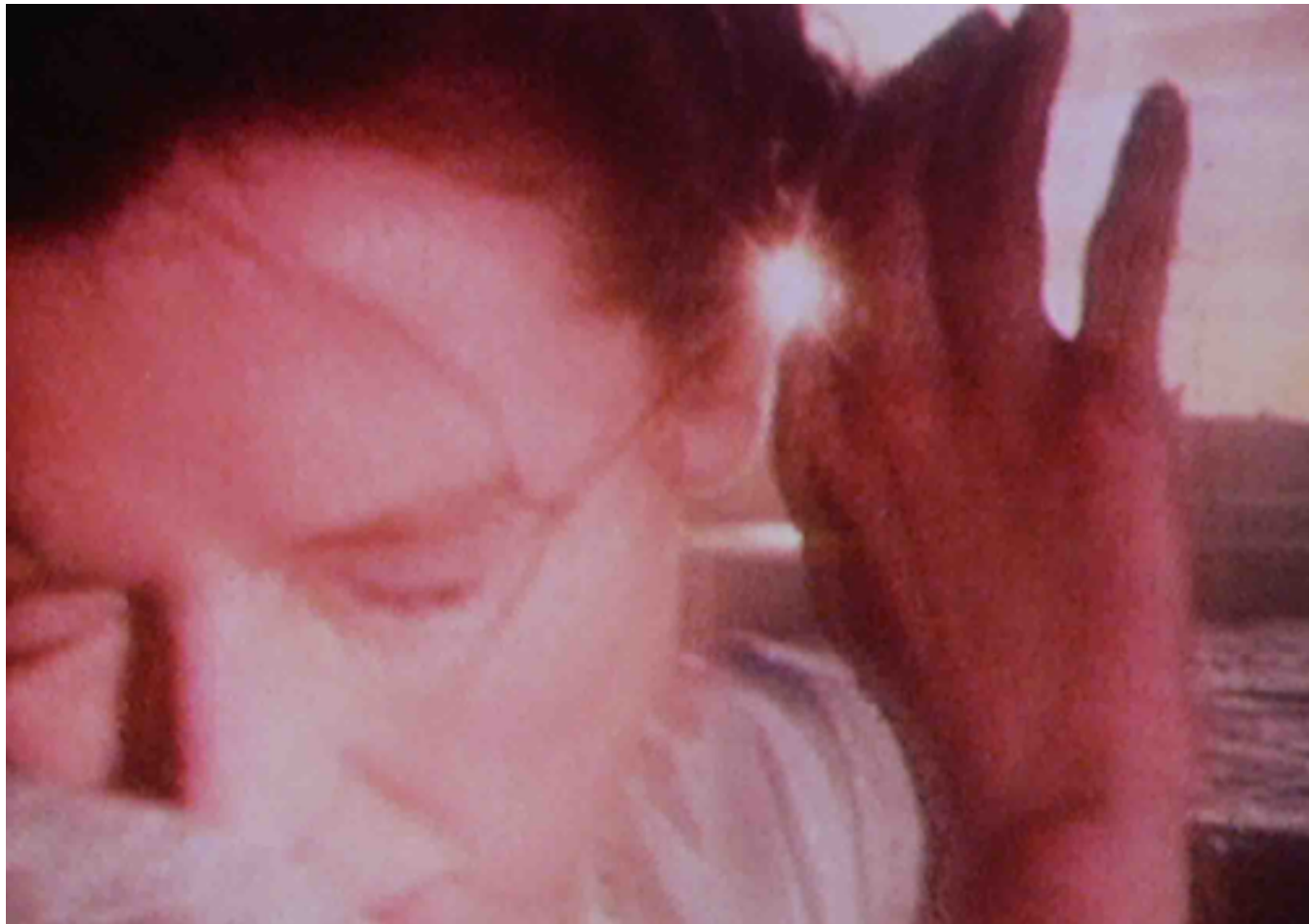
derek 2008

De *Sebastiane* (1976) a *Blue* (1992), os filmes de Derek Jarman questionaram constantemente o tempo e a arte, e resumiram sua própria era. Ele foi um pintor, parte daquele momento que transformou a Londres dos anos 60 em uma capital do mundo da arte. Foi cineasta, talvez a figura mais importante do cinema independente britânico durante os anos setenta, oitenta e noventa. Viveu como um homem gay, surfando as alegrias da Libertação Gay e as tristezas da Aids. Viveu como um observador participante, anotando com caneta ou câmera tudo o que passava diante dele – do punk a Thatcher, de Hampstead Heath à estreia de um filme.

Agora, essas imagens servirão para situar sua arte em seu tempo, produzindo uma história fascinante que poderemos utilizar. Além dos longas-metragens e dos filmes em Super 8, que abrangem três décadas, há os extensos videoclipes que ele gravou desde o início dos anos 70, para artistas como os Smiths e os Pet Shop Boys, e da televisão para festivais de cinema no Japão, Berlim e Colônia. Há também imagens de Derek, quando ele irrompeu no visor da mídia de notícias. Essa perspectiva única fornecerá um contraponto, pois suas próprias imagens são justapostas às imagens da história que as gerou.



Derek, 2008 [still]
filme colorido super 16 and 35 mm,
som 5.1 surround
76'5"



No centro do filme, o fio com o qual tudo é tecido, está a cápsula do tempo que Derek deixou. Antes de sua morte, e em meio ao grande período criativo que produziria *Edward II*, *Caravaggio* e *Blue*, ele gravou uma entrevista de um dia em 1990 com Colin MacCabe. É sua mensagem em uma garrafa, uma pesquisa de sua vida do ponto de vista de sua morte, um talismã para o futuro.

O presente é representado por uma carta escrita para Derek por Tilda Swinton e lida por ela como uma narração que fornece um fio narrativo sedutor ao longo do filme, aproximando sua vida de uma nova geração, um novo público.

Usando as habilidades que acumulou em uma carreira que vai do longa-metragem narrativo à videoarte, da instalação em museu ao documentário de televisão, este filme de Isaac Julien combina documento com ficção, experimento com narrativa para produzir uma obra de arte fascinante.

Derek, 2008 [still]
filme colorido super 16 e 35 mm,
som 5.1 surround
76'5"

western union: small boats 2007

WESTERN UNION: Small Boats é a última parte da atraente trilogia de instalações de filmes audiovisuais de Julien, que também inclui *True North* (2004) e *Fantôme Afrique* (2005). As obras exploram o impacto da localização, tanto cultural quanto física, com um efeito retumbante por meio de uma justaposição de regiões globais opostas.

WESTERN UNION: Small Boats retrata as viagens feitas pelos mares do Mediterrâneo. As jornadas e histórias dos chamados “clandestinos” que deixam a Líbia, fugindo de guerras e da fome. Eles podem ser vistos como trabalhadores migrantes econômicos, juntamente com alguns europeus – “Anjos” nos termos de Walter Benjamin – que testemunham as esperanças e os sonhos fracassados da modernidade e que agora viajam pelos espaços oceânicos, alguns para nunca mais chegar ou retornar.





Expandindo os temas de viagens, excursões e expedições, *WESTERN UNION: Small Boats* está sendo produzido em uma época em que os avanços nas telecomunicações globais e nas novas tecnologias são continuamente celebrados. Uma das principais questões decorrentes desse desenvolvimento é o papel que os indivíduos podem desempenhar nesse fluxo de informações. As questões que envolvem a circulação de vidas humanas, os movimentos de corpos e suas histórias pessoais são oportunas quando as políticas de imigração geram controvérsias diariamente e as relações entre as nações são fonte de muito debate.

vista da instalação
Western Union, 2007
Museum Brandhorst, Munique, 2009

fantôme créole 2005

“*Fantôme Créole* é uma instalação em quatro telas que justapõe espaços africanos e árticos. Os dois atores-protagonistas (Vanessa Myrie, que também aparece em *Baltimore*, 2003, e o dançarino Stephen Galloway) não são personagens com diálogos e interioridade implícita, mas servem para ligar as cenas entre a cidade africana e as paisagens desérticas, e entre o norte ártico e o sul árido. A falta de conexão narrativa sinaliza uma proposta intelectual relativa a questões que conectam esses espaços, bem como o interesse de Julien pela visão “crioulizada” – criar novas ideias a partir dos movimentos e conexões entre os espaços. As “justaposições disjuntivas” (na linguagem cinematográfica, “montagem paralela”) colocam o espectador na posição de construir significado e, por meio de um posicionamento de telas que força o espectador a mudar de posição para compreender a totalidade da apresentação, desafiam a posição fixa que o trabalho em tela única implica.”

Mark Nash

Fantôme Créole Series
(*Papillon No. 2*), 2005
impressão lambda
em papel brilhante
119,5 x 119,5 cm each



→
vista da instalação
Fantôme Créole, 2005
Kunsternes Hus, Oslo, 2011
foto: Laila Meyrick/Velour





Fantôme Créole Series
(Cinema Cinema), 2005
impressão lambda
em papel brilhante
119,5 x 119,5 cm cada

fantôme afrique 2005

Fantôme Afrique tece referências cinematográficas e arquitetônicas por meio do rico imaginário da urbana Ouagadougou, o centro do cinema na África, e dos espaços áridos da zona rural de Burkina Faso, e é pontuado por imagens de arquivo das primeiras expedições coloniais e de momentos marcantes da história africana. O renomado coreógrafo e dançarino Stephen Galloway (Ballet de Frankfurt) e a atriz Vanessa Myrie (*Baltimore*) atuam como “trapaceiro/fantasma” e “testemunha” nessa meditação cuidadosamente composta sobre os espaços desnacionalizados e desterritorializados nascidos dos encontros entre culturas locais e globais, onde os fantasmas da história permanecem em meio às realidades do dia a dia.



vista da instalação
Fantôme Afrique, 2005
Centre Pompidou, Paris, 2006



true north 2004

“*True North* é meditativa e inclui imagens reflexivas do sublime e, como a peça que acompanha Julien, *Paradise Omeros*, usa a paisagem como local e tema principais. Vagamente inspirada na história do explorador negro americano Matthew Henson (1866–1955), que acompanhou Robert Peary e foi uma das primeiras pessoas a chegar ao Pólo Norte, escrevendo posteriormente um relato de sua experiência. Nessa narrativa fragmentada, Julien contempla ideias e histórias hierárquicas, assim como na figura lutadora encontramos uma metáfora sucinta da travessia sem fim, simbolizando a viagem do moderno que precisa ser vivenciada por outros. A instalação oferece uma nova e fascinante leitura visual do espaço e do tempo e sua relação com as contra-histórias. Aqui, o momento sublime de cognição da imagem é apresentado à mente que, por sua vez, só pode compreender o absoluto da magnitude que, por si só, desafia a conceituação. A instalação contesta os binários que estão presentes em muitas notações da expedição e da aventura que desordenam a história da descoberta - aqui, a razão, a ordem e a estabilidade são substituídas por meandros irracionais, gestos simbólicos de tropos xamanísticos e a constante inércia do gelo.”

Shaheen Merali



True North Series,
Ice Project Work No. 9, 2004
imagem em duratrans, lightbox
123 x 247 x 7 cm

→
vista da instalação
True North, 2004
MAK Center for Art and
Architecture, Los Angeles



baltimore 2003

Baltimore é rica em imagens urbanas e, assim como as obras anteriores de Julien, *Vagabondia* e *Three*, usa museus como local e tema principais.

Inspirado pelos filmes de exploração de negros enquanto filmava seu documentário *Baadasssss Cinema*, Julien se apropria dos estilos, gestos, linguagem e iconografia do gênero para criar uma obra que desafia a categorização. Estrelado pelo veterano ator e diretor negro Melvin Van Peebles, *Baltimore* foi concebido, em parte, como uma homenagem aos filmes de Van Peebles. Ela une três instituições de Baltimore – o Walters Art Museum, o Contemporary Museum e o Great Blacks in Wax Museum – com o cinema Blacksploitation, o símbolo de fala dura e vida difícil da emancipação dos negros que Van Peebles ajudou a inaugurar com seu filme de 1971, *Sweet Sweetback's Baadasssss Song*. *Baltimore* é irônico e descolado, nostálgico e futurista, áspero e fino. Caracteriza-se pela oscilação e por um jogo formal insistente com a perspectiva linear, que também homenageia Piero della Francesca e, mais especificamente, uma pintura de autoria desconhecida, de cerca de 1500, conhecida como *View of an Ideal City*, que faz parte da coleção do Walters Art Museum.



Baltimore, 2003
instalação de vídeo (03 projeções)
11'56"



paradise omeros 2002

Paradise Omeros investiga as fantasias e os sentimentos de “creolidade”: a linguagem mista, os estados mentais híbridos e as transposições territoriais que surgem quando se vive em várias culturas. Usando a imagem recorrente do mar, o filme leva o espectador a uma meditação poética sobre o fluxo e refluxo do eu e do estranho, do amor e do ódio, da guerra e da paz, do xenófobo e do xenófilo. Situado em Londres na década de 1960 e na atual ilha caribenha de Santa Lúcia, *Paradise Omeros* é vagamente baseado nos poemas de *Omeros* (1990), do poeta ganhador do Prêmio Nobel Derek Walcott. Walcott e o músico e compositor Paul Gladstone Reid colaboraram com o texto e a partitura. A obra é co-roteirizada por Isaac Julien e Grischa Duncker.

vagabondia 2000

Um conservador imagina fantasmas da Londres negra do século XVIII, incluindo uma figura dançante e vagabunda, coreografada por Javier De Frutos.

Filmado no museu Sir John Soane em Londres, *Vagabondia* é um filme em que a curadoria encontra a coreografia. Uma conservadora negra imagina as histórias enterradas e as histórias ocultas dentro da cornucópia de pilhagem colonial do museu. Filmado com movimentos de câmera fluidos e uma atenção sensual ao trabalho de iluminação e câmera, Julien faz do museu um mundo de sombras, espelhos e molduras dentro de molduras, onde as estátuas também sonham e o espírito vagabundo da memória reprimida do colonialismo volta à vida dançando, de forma irregular.



long road to mazatlan 1999

“Uma fantasia sobre o sudoeste americano que se concentra, com ambivalência característica, na construção social da masculinidade em representações populares dessa paisagem mítica.”

David Deitcher

The long Road to Mazatlán, uma colaboração em vídeo entre Isaac Julien e o coreógrafo Javier de Frutos, é uma fusão de filme e movimento, uma dança de olhares. Filmado em San Antonio, Texas, e nos arredores, ele mistura imagens familiares do Oeste – o caubói, o curral de gado, a estrada de terra – com uma iconografia mais contemporânea e homoerótica, perturbando cada uma delas. Uma história de frustração e perda, a obra não oferece nenhuma receita para uma identidade estável ou para a satisfação do desejo, mas a sensualidade de suas imagens e formas é sedutora.

Long Road to Mazatlan, 1999
instalação de vídeo (03 projeções)

frantz fanon,
black skin white mask 1996

Entrevistas, reconstruções e imagens de arquivo contam a história da vida e da obra do influente escritor anticolonialista Frantz Fanon, autor de *Black Skin, White Mask* e *The Wretched of the Earth*, e sua vida profissional como médico psiquiatra na Argélia durante a guerra de independência com a França.

“*Frantz Fanon: Black Skin, White Mask* é um documentário dramático de setenta minutos que produzimos em 1996. O ímpeto do projeto do filme foi restaurar os discursos acadêmicos e artísticos, reconhecendo a originalidade e a natureza contraditória desse importante pensador. Inicialmente, ele foi concebido como uma reflexão sobre o renascimento do interesse pelas ideias de Fanon nas artes visuais e performáticas negras. O movimento das artes negras na Grã-Bretanha e na América do Norte buscou uma base mais substancial para a reflexão sobre o corpo negro e suas representações. No desenvolvimento, o mandato do filme se tornou mais amplo para incluir outros aspectos da influência e do legado de Fanon.”





looking for langston 1989/2016

Looking for Langston explora – e recria – de forma lírica o mundo privado do poeta, ativista social, novelista, dramaturgo e colunista Langston Hughes (1902–1967) e de seus companheiros artistas negros pertencentes do Renascimento do Harlem na década de 1920. Julien muitas vezes trabalha com avançadas tecnologias de pré e pós-produção. Para criar os trabalhos fotográficos em larga escala, ele usa tanto a tecnologia digital quanto a analógica produzindo uma experiência cinematográfica imersiva. Ele também tem trabalhado simultaneamente com fotógrafos e cineastas na feitura das suas imagens. *Looking for Langston* foi executado em colaboração com Nina Kellgren (cineasta) e Sunil Gupta (fotógrafa), durante os anos 80, em Londres, mas ambientando o mundo do jazz, no Harlem, durante a década de 1920. O uso de iluminação discreta e de fumaça embaralha ainda mais a periodização histórica, conferindo atmosfera de filme noir dos anos 1940 ao trabalho.

A imaginativa combinação de épocas cria um tipo de “crioulização” das formas fotográficas assim como uma atemporalidade potente e autocosciente. É possível identificar uma relação direta entre as imagens imbuídas de referências históricas da fotografia afro-americana em preto e branco de 1930 e a cultura Queer dos anos 1980. *Looking for Langston* foi realizado quando a crise da Aids estava em seu auge e vários dos atores participantes faleceram logo após as filmagens. Para Julien, as fotografias feitas durante esse processo atuam como “lugares de memória”. Ora elas revelam os fatos por trás da ficção, expondo o processo criativo, ora elas focalizam um retrato ou mergulham em uma contestação histórica.

Looking for Langston tornou-se a marca daquilo que B. Ruby Rich chamou de New Queer Cinema, também sendo considerado um objeto fundamental para os Estudos Afro-Americanos, com vasta divulgação em universidades, faculdades e colégios de arte norte americanos ao longo de quase 30 anos.



Film-Noir Angels (Looking for Langston Vintage Series), 1989/2016 [detalhe]
Impressão Kodak Premier,
Diasec montada em alumínio
180 x 260 cm

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art